



# A China no dealbar do novo milénio

∞ HENRIQUE MORAIS

TÉCNICO ASSESSOR DO BANCO DE PORTUGAL  
E PROFESSOR AUXILIAR DA UNIVERSIDADE AUTÓNOMA DE LISBOA

Apesar do seu aparente dinamismo, a China é ainda um país relativamente pobre, com um rendimento *per capita* muito baixo, um sector financeiro mal estruturado, deficientemente dimensionado e que muito dificilmente poderá acompanhar o ritmo das reformas a que se tem assistido no mundo industrial e dos serviços.

### Introdução

A República Popular da China é hoje muito mais do que um vasto território de 9,6 milhões de km<sup>2</sup>, o terceiro país de maior dimensão a nível mundial, com fronteiras terrestres que se estendem por mais de 22 000 km e uma população de aproximadamente 1300 milhões de habitantes, isto é, cerca de um quinto da população mundial.

Em pouco mais de 20 anos, a China transformou-se radicalmente: a sociedade rural, maioritariamente agrícola e muito fechada sobre si mesma, que caracterizava o país na herança de Mao Tse Tung, coexiste agora com um outro mundo, urbano e industrial, aberto ao IDE e ao comércio internacional. Desengane-se o leitor quanto a um hipotético desaparecimento daquele primeiro mundo: ele continua a marcar o amplo leque de contradições da sociedade chinesa, porque coexiste agora, em especial no sudeste do país, com um outro mundo, cosmopolita e capitalista.

Por outro lado, é patente a crescente importância da China no contexto mundial, quer em termos económicos, quer políticos. Na vertente económica, tem vindo a observar-se um maior contributo da China para o crescimento mundial, bem como o reforço do peso do país no contexto do comércio e do investimento internacionais, mas também de outras actividades. Algumas dessas actividades são, aliás, absolutamente surpreendentes, como é o caso flagrante do turismo, de que a China será provavelmente o principal actor internacional antes do final da década.<sup>1</sup>

Alguns dados, que analisaremos em maior detalhe neste artigo, são claros: a economia chinesa terá crescido, em 2005, mais do dobro da média mundial (cerca de 9,8% para a China, face a uma média mundial que não terá ultrapassado os 4,3%), tendo contribuído sozinha para cerca de 1/4 do crescimento mundial; o peso da China no comércio mundial mais do que duplicou em apenas dez anos, com as respectivas exportações a passar de 1,8% do total mundial em 1990, para cerca de 6,5%, em 2004; a China foi, em 2004, o terceiro maior receptor de Investimento Directo Estrangeiro (IDE) a nível mundial, logo a seguir aos Estados Unidos da América (EUA) e ao Reino Unido, posição que, aliás, já ocupara em 2003.

Apesar de todo este dinamismo, a China é ainda um país relativamente pobre, com um rendimento *per capita* muito baixo, pelos padrões internacionais, um sector financeiro mal estruturado, deficientemente dimensionado e que muito dificilmente poderá acompanhar o ritmo das reformas a que se tem assistido no mundo industrial e dos serviços. O sistema jurídico e legal é pouco flexível e deixa muito a desejar, ao menos segundo os padrões das economias ocidentais, e os direitos humanos ainda são matéria proibida na China do Século XXI.

Talvez estas contradições venham um dia a pautar a agenda política e social da China, e do mundo, podendo igualmente perturbar um caminho que parece auspicioso rumo ao nascimento de uma nova potência económica mundial. Por agora, a realidade é, todavia, outra e pode resumir-se em poucas palavras: a manter-se o ritmo de crescimento económico que se vem observando nos últimos 25 anos, a República Popular da China será a maior economia mundial dentro de cerca de 30 anos. [cf. quadro 1]

### As reformas dos últimos 25 anos...

As autoridades chinesas empreenderam nas últimas décadas um vasto conjunto de reformas orientadas sobretudo para a criação de uma economia mais descentralizada, com alguma vocação para o mercado e, principalmente, bastante mais aberta ao exterior.

Os primeiros sinais de abertura foram visíveis em 1978, com o aumento da influência das organizações não estatais e a perda parcial do controlo empresarial pelo partido dominante, o relativo recuo no processo de colectivização das terras (que deu lugar a alguma responsabilização por parte das famílias e de organizações constituídas nas vilas e aldeias) e o aparecimento de pequenas empresas nos serviços e nalguns sectores da indústria.

<b>República Popular da China</b>		Quadro 1
		
		
Hu Jintao		
		
Wen Jiabao		
<b>Área</b>	9,6 milhões Km <sup>2</sup>	
<b>Fronteiras</b>	Terrestres: Rússia, Mongólia, Índia, Coreia Norte Marítimas: Oceano Pacífico, Mar do Japão	
<b>População total</b>	1 298 milhões de habitantes (20% da população mundial); 515 milhões de habitantes nas zonas urbanas	
<b>Densidade populacional</b>	135 pessoas por Km <sup>2</sup>	
<b>Cidadãos acima dos 65 anos</b>	7%	
<b>Cidadãos com ensino superior</b>	3,6 (por 100 mil habitantes)	
<b>Esperança média de vida</b>	70,8 anos (73,0 para as mulheres e 68,7 para os homens)	
<b>Capital</b>	Pequim: 12,6 milhões de habitantes	
<b>Outras cidades</b>	Chongqing, Guangzhou, Shenzhen, Tianjin, Xangai	
<b>Divisão Administrativa</b>	23 províncias, 5 regiões autónomas, 4 municípios, 2 regiões administrativas especiais	
<b>Língua</b>	Mandarim (oficial) e vários dialectos (Xangai, Cantão, Tibete)	
<b>Etnias</b>	Han (91,6% da população) e mais 55 etnias difusas	
<b>Religião</b>	Maioritariamente budistas; Outras religiões: taoísmo, islamismo, catolicismo.	
<b>Presidente</b>	Hu Jintao (Março de 2003)	
<b>Primeiro-ministro</b>	Wen Jiabao (Março de 2003)	
<b>Unidade monetária</b>	Yuan	

As reformas no sector agrícola induziram um aumento expressivo da produtividade e dos níveis de vida da população, acompanhados pela migração de trabalhadores para outros sectores de actividade mas, ainda assim, o peso do sector primário no produto chinês continua a ser muito superior ao que se observa nas economias avançadas. [cf. gráfico 1]

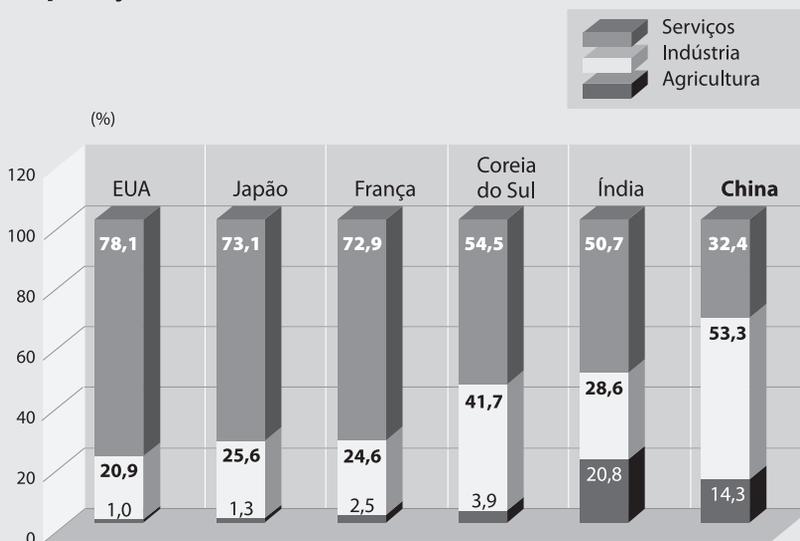
Curiosamente, não ocorreu, pelo menos até ao momento, qualquer fenómeno massivo de migração da população rural chinesa para a cidade, em grande medida porque normas legais impediram durante muitos anos a população de procurar emprego nas cidades e, além disso, o acesso à educação e à saúde continua a ser regulado por um estrito sistema de registo populacional que não *autoriza* as migrações em massa.

A China deu ainda passos expressivos no que diz respeito à abertura da economia ao IDE e, embora em muito menor escala, ao comércio externo. Assim se entende o aumento expressivo, nos últimos anos, do IDE no país e o acréscimo das importações. Tudo isto culminou, muito naturalmente, na adesão do país à Organização Mundial do Comércio (OMC), em Dezembro de 2001. Foi, aliás, notável o sucesso das negociações tendentes à adesão do país à OMC, onde a China poderá vir a assumir um papel preponderante.

Essa abertura ao exterior tem sido igualmente observada a nível do sector financeiro, com a participação crescente de instituições estrangeiras no sistema financeiro, embora a níveis ainda muito incipientes, como se pode constatar pelo facto de os bancos estrangeiros a operar na China, sobretudo através

Repartição Sectorial do Produto - 2005

Gráfico 1



Fonte: Economist Intelligence Unit

de sucursais ou escritórios de representação, deterem apenas cerca de 1,5% do total dos activos do sistema financeiro.

### ... e as contradições ainda latentes

Em primeiro lugar, só com grande dose de ironia se pode falar numa economia da República Popular da China. Na verdade, existem pelo menos duas economias: uma, no sul, próspera, aberta ao sistema capitalista e ao comércio internacional; outra, representativa de um universo de cerca de 800 milhões de pessoas, para quem um frigorífico ainda é uma miragem. Vamos apenas citar alguns exemplos das contradições que imperam na China.

O Estado controla com mão de ferro a economia e a sociedade chinesa mas os índices de corrupção, designadamente a nível do aparelho de Estado e do poder político, são muito elevados. Segundo os dados da *Transparency International* (uma importante organização não-governamental), a China estava colocada, em 2005, na 78ª posição do *Corruption Perception Index*,<sup>2</sup> abaixo de países como a Colômbia ou o Burkina Faso, e revelando uma degradação da sua posição face a 2004, quando ocupava o 71º lugar.

A imagem que se deixa passar para o exterior de uma sociedade bem organizada e disciplinada é apenas isso: uma mera imagem desfocada da realidade. Por detrás de toda esta aparente tranquilidade, escondem-se tensões sociais nas zonas rurais e greves nas cidades industriais. Por exemplo, estima-se que, em 2001, tenham ocorrido cerca de 10 mil acções de protesto na indústria, a maioria das quais relacionadas com questões salariais e de pensões.

A população chinesa é maioritariamente rural (62%) e dedica-se à agricultura (cerca de 44%), embora, como vimos anteriormente, o produto gerado por este sector se quede pelos 14%, demonstrando os baixos níveis de produtividade de uma agricultura essencialmente de subsistência.

Finalmente, o modelo de crescimento seguido, baseado no incentivo ao IDE que seja susceptível de gerar produtos para exportação, tem provocado desequilíbrios a nível regional e sectorial, com repercussões directas numa desigualdade flagrante na distribuição do rendimento.

Na verdade, este tipo de investimento concentra-se junto às zonas costeiras, e urbanas, aumentando as disparidades entre o mundo urbano e a sociedade rural. É de notar que o rendimento *per capita* nas cidades chega a ser mais do dobro do que no campo, o que revela uma distorção absoluta do modelo de crescimento, dado que cerca de 60% do mercado potencial se situa no mundo rural. É, aliás, evidente a constante disputa entre Pequim e as autoridades locais em matéria de competências sobre a posse da propriedade e a recolha dos respectivos rendimentos (designadamente a nível fiscal). A nível sectorial, é patente o desequilíbrio entre o sector exportador (e o da constru-

ção/habitação) e outros sectores importantes da economia, designadamente o dos serviços.

### Uma economia em rápida ascensão...

Segundo dados do Fundo Monetário Internacional (FMI), a taxa média de crescimento anual do Produto Interno Bruto (PIB) nos 20 anos entre 1986 e 2005 situou-se em cerca de 9%, muito acima do observado no conjunto dos países asiáticos em desenvolvimento<sup>3</sup> cujo crescimento não ultrapassou, em termos médios, os 7,2%, ou o registado nas economias avançadas (cerca de 3%). O mais curioso é que nos anos mais recentes não ocorreu nenhum abrandamento do crescimento na China, apesar da dimensão entretanto atingida pela respectiva economia e dos esforços das próprias autoridades oficiais para induzir alguma desaceleração do crescimento (designadamente, em 2004, através de dois movimentos de subida das taxas de juro, o que não ocorria há uma década), com o claro objectivo de travar eventuais ímpetus inflacionistas. Pelo contrário, dados oficiais recentes revelaram uma revisão em alta da série do PIB, que coloca o crescimento, em 2003 e 2004, em 10% e 10,1%, respectivamente. [cf. quadro 2]

Tudo isto reflectiu-se naturalmente no aumento significativo do peso do PIB chinês no contexto mundial. Deste modo, em 1990, o PIB nominal da China rondava os 390 mil milhões de dólares, o que representava cerca de 1,9% do produto mundial (nessa data, os EUA eram responsáveis por 28% da

**Produto Interno Bruto - Taxa de Crescimento anual**

Quadro 2

em %	Média 10 anos											
	1987-96	1997-06	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005 <sub>p</sub>	2006 <sub>p</sub>
<b>Mundo</b>	<b>3,3</b>	<b>3,9</b>	<b>4,2</b>	<b>2,8</b>	<b>3,7</b>	<b>4,7</b>	<b>2,4</b>	<b>3,0</b>	<b>4,0</b>	<b>5,1</b>	<b>4,3</b>	<b>4,3</b>
Economias avançadas	3,0	2,7	3,5	2,6	3,5	3,9	1,2	1,5	1,9	3,3	2,5	2,7
EUA	2,9	3,3	4,5	4,2	4,4	3,7	0,8	1,6	2,7	4,2	3,5	3,3
União Europeia	2,2	2,4	2,9	3,0	2,9	3,9	2,0	1,3	1,3	2,5	1,6	2,1
UE 12	-	2,0	2,6	2,8	2,7	3,8	1,7	0,9	0,7	2,0	1,2	1,8
Japão	3,2	1,1	1,8	-1,0	-0,1	2,4	0,2	-0,3	1,4	2,7	2,0	2,0
Ásia em desenvolvim.	7,8	6,7	6,5	4,2	6,2	6,7	5,6	6,6	8,1	8,2	7,8	7,2
<b>China</b>	<b>10,0</b>	<b>8,4</b>	<b>8,8</b>	<b>7,8</b>	<b>7,1</b>	<b>8,0</b>	<b>7,5</b>	<b>8,3</b>	<b>9,5</b>	<b>9,5</b>	<b>9,0</b>	<b>8,2</b>
Índia	5,9	6,0	5,0	5,8	6,7	5,4	3,9	4,7	7,4	7,3	7,1	6,3
Ásia exceptuando China e Índia	6,4	3,9	3,8	-4,5	3,8	5,4	3,2	4,8	5,8	6,1	5,4	5,0

Fonte: Fundo Monetário Internacional

riqueza produzida no mundo). Ora, passados 15 anos, o PIB nominal chinês mais do que triplicou, devendo ter-se situando, em 2005, em cerca de 1,750 mil milhões de dólares, isto é, 4% da riqueza mundial.

Estes dados, apesar de expressivos, designadamente se pensarmos que, no mesmo período, um país como o Japão viu descer o peso mundial do seu produto de 14,7% para 11%, são todavia enganadores. Na verdade, quando se analisam economias com estruturas produtivas e níveis de vida tão díspares como aqueles que caracterizam as economias avançadas, por confronto com a China, é metodologicamente mais correcto utilizar o chamado PIB em paridade de poder de compra. Pois bem, estes dados indicam que o PIB chinês seria, em 1990, de 1,580 mil milhões de dólares, isto é, cerca de 5,9% do total mundial, elevando-se, em 2005, a 8,400 mil milhões de dólares. Isto é, em 2005, o PIB chinês, em paridade de poder de compra, representava cerca de 14,2% do PIB mundial. Nesse mesmo ano, o produto japonês quedava-se pelos 6,5% do total mundial, na área do euro atingia 14,8% e nos EUA produzia-se 20,9% da riqueza mundial. [cf. gráficos 2 e 3]

#### **...e uma procura interna bastante dinâmica**

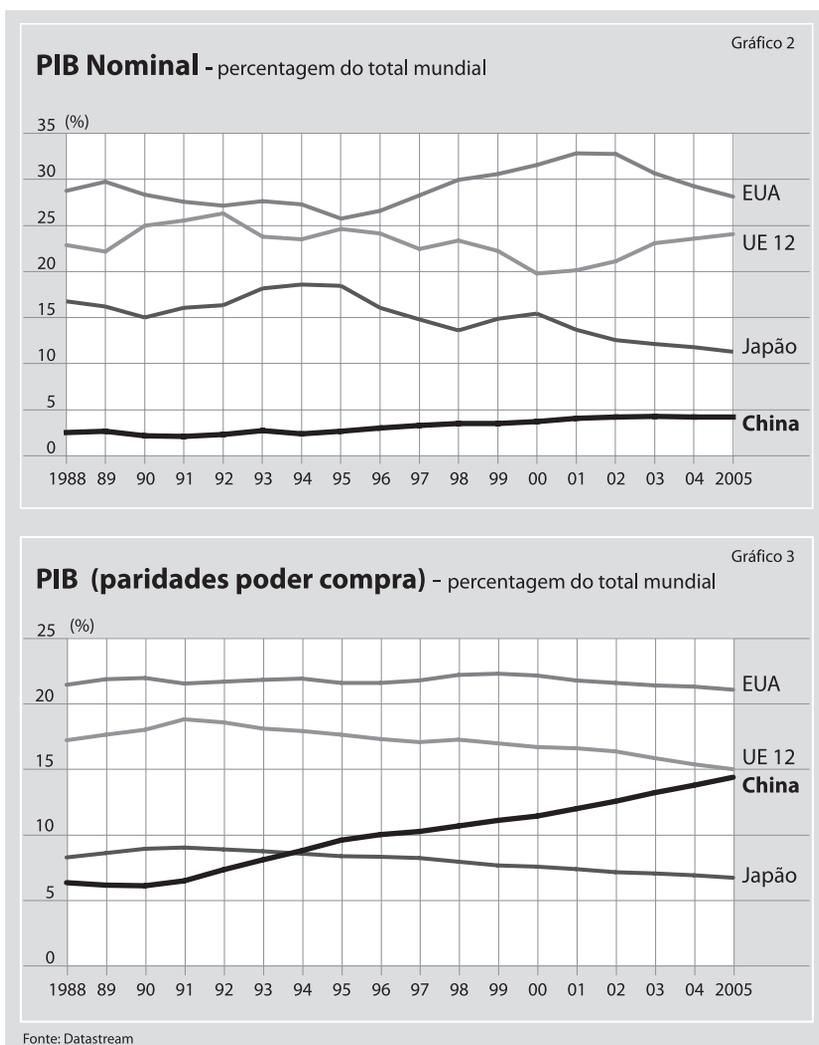
A análise da economia chinesa é, naturalmente, indissociável de uma abordagem exaustiva dos fluxos comerciais e da sua importância no «milagre» chinês. Sobre esta temática abundam aliás algumas falácias, de que é exemplo a tão propalada ideia de que a China seria um país extremamente *desequilibrado* em termos do seu empenhamento no comércio internacional, ou seja, exportaria muito mas limitaria substancialmente as respectivas importações. Deixaremos este tema para um ponto posterior.

Sendo certo que o sector externo tem sido fundamental para o crescimento económico da China, o que pode ser constatado pelos elevados excedentes comerciais que o país vem apresentando desde 1993, também é um facto que o consumo privado tem registado ritmos de crescimento anuais sempre acima de 5%, o que é consideravelmente superior aos padrões médios das economias avançadas.

Basta assinalar que nos EUA e na Alemanha a média do crescimento anual do consumo privado nos últimos 40 anos situou-se à volta dos 3%, e que, no período entre 1995 e 2003, apenas nos anos de 1998 e 1999 o crescimento do consumo privado suplantou os 5% nos EUA (5% e 5,1%, respectivamente) e tal não ocorreu, nesse período, na Alemanha.

Em conclusão, parecem começar a desenhar-se os primeiros sinais de construção de uma economia interna dinâmica, baseada numa classe média que, embora exígua, tem já poder de compra suficiente para dinamizar amplas franjas do aparelho produtivo do país.

Isto não invalida o facto de o sector produtivo chinês continuar a apresentar características mais próprias de um país em desenvolvimento do que propriamente de uma economia avançada. Deste modo, o peso do sector industrial na repartição sectorial do produto continua a ser esmagador (52,9%), contrastando com o que se verifica nas economias mais desenvolvidas, em que é normalmente inferior a 25%. A aposta da China no fortalecimento da indústria é, aliás, bem ilustrada pela evolução temporal da repartição sectorial do produto: desde o início da década de 1990 que se vem assistindo a um reforço do peso relativo do sector industrial, em detrimento do sector agrícola, com intensidade superior ao aumento do peso do sector dos serviços.



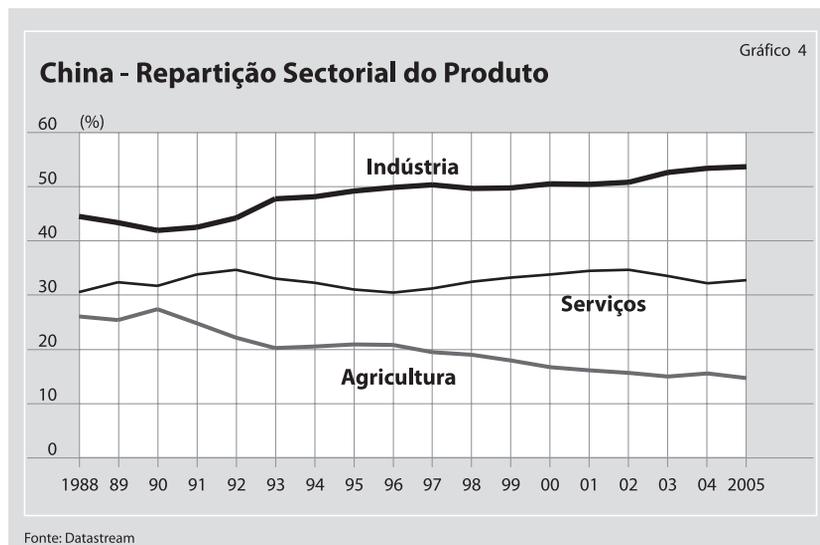
Deste modo, entre 1990 e 2004, o peso dos serviços no produto aumentou marginalmente, de 31,3% para 33,3%, enquanto o peso da indústria subiu de 41,6% para 52,9%. [cf. gráfico 4]

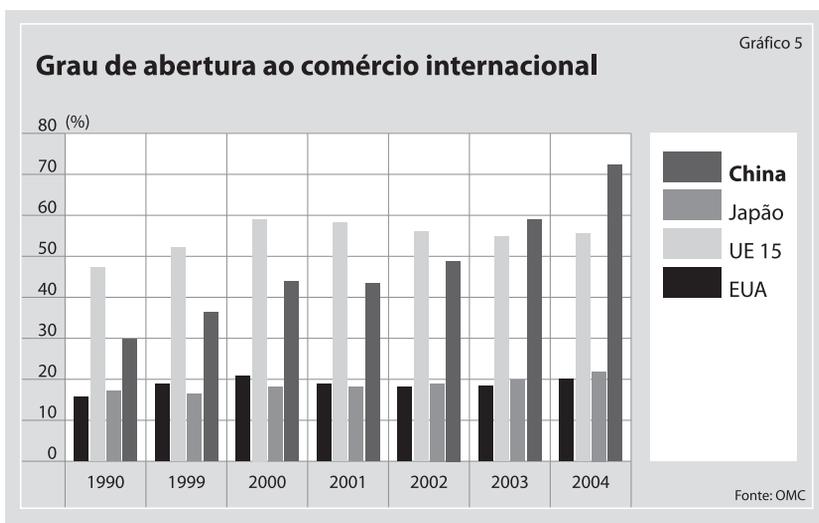
### O comércio e o investimento externos

O grau de abertura da economia chinesa ao exterior tem vindo a aumentar consideravelmente nas últimas décadas. Entre 1990 e 2004, o peso do comércio internacional de mercadorias em relação ao PIB chinês aumentou de 29,8% para 72,4%, o que demonstra uma dinâmica inigualável a nível das economias mais avançadas. A título meramente exemplificativo, nos EUA este indicador atingiu 19,9%, em 2004 (era 15,7%, em 1990), na União Europeia<sup>4</sup> registava um nível de 55,6% (47,2%, em 1990) e no Japão rondava os 21,9% (17,2%, em 1990). [cf. gráfico 5]

Por outro lado, a taxa de crescimento média anual das exportações chinesas no período de 2000 a 2004 ultrapassou os 24%, claramente acima da média mundial de 9,1%. Os dados da década de 1990 são igualmente avassaladores, bastando constatar que as exportações da China passaram de 62,1 mil milhões de dólares, em 1990, para 593,3 mil milhões de dólares, em 2004. Por outras palavras, o peso das exportações chinesas no total mundial aumentou, entre 1990 e 2004, de 1,8% para 6,5%.

As estatísticas afastam em definitivo a ideia (errada) de que a China é apenas um grande exportador mundial e de que, portanto, a sua participação no comércio mundial seria desproporcionada. Na verdade, as importações chi-





nessas aumentaram, desde 1990 e em média anual, 18,3% ao ano, suplantando qualquer dos blocos económicos em confronto e a média mundial (7,3%). As importações chinesas representam actualmente cerca de 5,9% do total mundial, quando em 1990 se quedavam por 1,5%. [cf. quadros 3 e 4]

A análise das importações da China deve ser, todavia, cautelosa, uma vez que «a grande fábrica da Ásia» está a importar sobretudo matérias-primas e produtos intermédios, que posteriormente são processados e vendidos como bens (quase) finais. Trata-se, no fundo, de um aproveitamento por parte das grandes empresas internacionalizadas da mão-de-obra barata chinesa nas fases intermédias e finais de produção dos bens.

Em qualquer dos casos, as comparações internacionais são absolutamente avassaladoras quanto à evolução do comércio na China: de entre os quatro grandes blocos comerciais mundiais, foi o único que viu a sua quota-parte no comércio mundial aumentar no período de 1990 a 2004, não só no que diz respeito às exportações, como ainda nos bens importados.<sup>5</sup> [cf. gráficos 6 e 7]

Quanto ao investimento, os dados são igualmente claros: o peso do IDE destinado à China no contexto mundial situou-se, em 2004, em torno de 9,4%, sendo a terceira economia do mundo em termos de fluxos de IDE, logo a seguir aos EUA e ao Reino Unido. [cf. quadros 5 e 6]

A primazia da China, enquanto destino do investimento internacional no contexto dos países em vias de desenvolvimento, é absolutamente avassaladora: em 2004, cerca de 26% do IDE destinado aos países em desenvolvimento foi dirigido para a China e, se contabilizarmos ainda os investimentos em Hong Kong, esse peso eleva-se a 40,6%.

Esta maior atracção da China enquanto destino do capital internacional tem vindo a traduzir-se num aumento do peso do país em termos de IDE acumulado. Deste modo, o IDE acumulado na China atingia, em 1980, cerca de 1,1 mil milhões de dólares, o que representava apenas 0,2% do IDE mundial. Em 2004, o IDE acumulado na China elevava-se a 245,5 mil milhões de dólares, ou seja, 2,8% do total de IDE.

O aumento exponencial da importância da China enquanto destino de IDE volta a ser flagrante quando o confrontamos com os dados para os países em desenvolvimento normalmente mais citados pela sua capacidade de atracção de IDE. Deste modo, mesmo excluindo Hong Kong (que aliás manteve uma notável capacidade de atracção de IDE depois do retorno à soberania chinesa) verifica-se que o IDE acumulado na China é superior ao investimento acumulado em qualquer um dos três outros países em desenvolvimento de referência, isto é, o Brasil, o México e Singapura.

Em termos relativos, as conclusões são todavia algo distintas. O peso do IDE acumulado face ao PIB chinês foi de 14,9%, em 2004, bastante abaixo da média mundial, que se situava em 21,7%. O IDE acumulado na China assumia

### Exportações mundiais de mercadorias

Quadro 3

em mil milhões USD

	1990-99*	2000-04*	1990	1999	2000	2001	2002	2003	2004
<b>Mundo</b>	<b>5,2</b>	<b>9,1</b>	<b>3 448,8</b>	<b>5 712,0</b>	<b>6 449,0</b>	<b>6 183,0</b>	<b>6 482,0</b>	<b>7 551,0</b>	<b>9 153,0</b>
EUA	5,9	1,2	393,6	695,8	781,9	729,1	693,1	724,8	818,8
União Europeia (25)	-	11,1	-	2 344,5	2 437,4	2 451,8	2 617,9	3 123,9	3 714,2
União Europeia (15)	4,0	10,5	1 508,8	2 237,5	2 316,3	2 318,7	2 466,3	2 926,6	3 449,9
Japão	3,8	4,2	287,6	417,6	479,2	403,5	416,7	471,8	565,8
<b>China</b>	<b>12,1</b>	<b>24,2</b>	<b>62,1</b>	<b>194,9</b>	<b>249,2</b>	<b>266,1</b>	<b>325,6</b>	<b>438,2</b>	<b>593,3</b>

\*Taxa de Crescimento anual

### Importações mundiais de mercadorias

Quadro 4

em mil milhões USD

	1990-99*	2000-04*	1990	1999	2000	2001	2002	2003	2004
<b>Mundo</b>	<b>5,2</b>	<b>9,0</b>	<b>3 549,7</b>	<b>5 911,0</b>	<b>6 715,0</b>	<b>6 474,0</b>	<b>6 724,0</b>	<b>7 832,0</b>	<b>9 495,0</b>
EUA	7,4	4,9	517,0	1 059,4	1 259,3	1 179,2	1 200,2	1 303,1	1 525,5
União Europeia (25)	-	10,3	-	2 403,3	2 560,2	2 525,8	2 547,0	3 179,4	3 791,0
União Europeia (15)	3,8	8,8	1 558,0	2 262,5	2 404,9	2 361,1	2 463,1	2 946,6	3 375,0
Japão	2,8	4,6	235,4	310,0	379,5	349,1	337,2	382,9	454,5
<b>China</b>	<b>12,0</b>	<b>25,7</b>	<b>53,3</b>	<b>165,7</b>	<b>225,1</b>	<b>243,6</b>	<b>295,2</b>	<b>412,8</b>	<b>561,2</b>

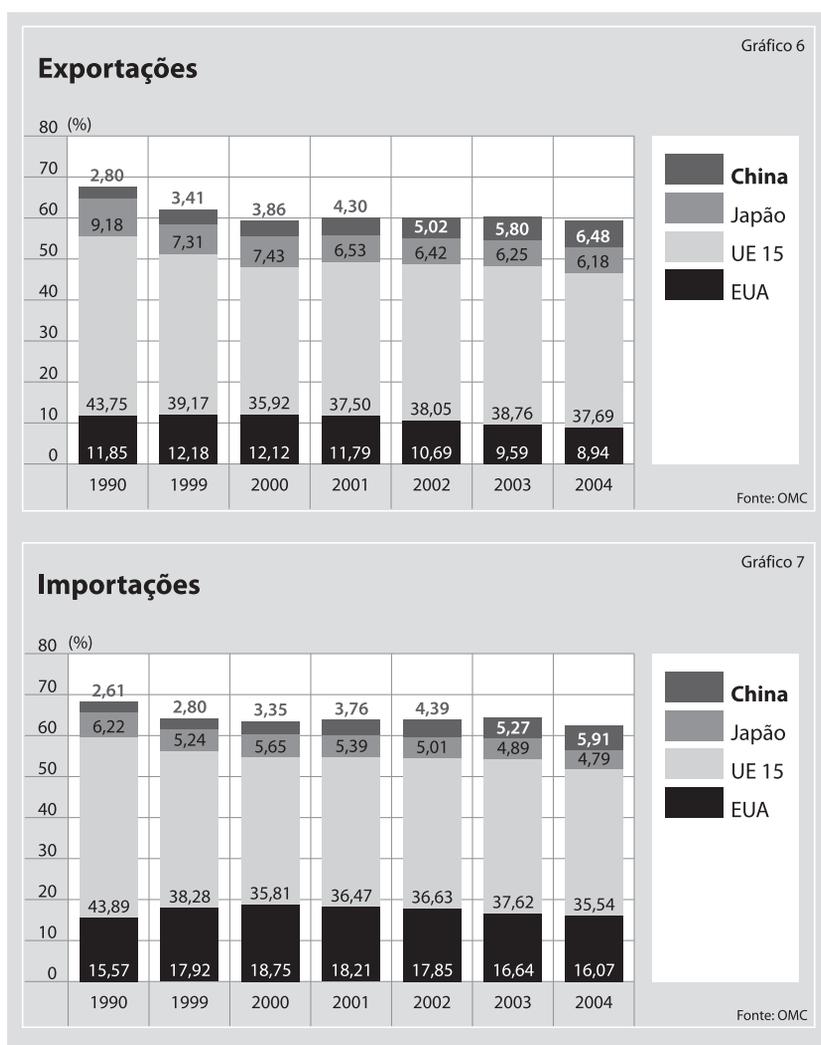
\*Taxa de Crescimento anual

Fonte: OMC

um peso claramente inferior ao observado quer nas economias mais avançadas, quer ainda nos países em desenvolvimento.

Por outro lado, os fluxos de IDE destinados à China representavam, em 2004, cerca de 8,2% do total do investimento efectuado na economia chinesa (representado pela formação bruta de capital fixo), substancialmente abaixo daquele observado nos restantes países em desenvolvimento analisados e próximo, por exemplo, dos 8,8% registados na União Europeia.

Estes últimos dados, tomados em conjunto, são absolutamente claros: apesar do movimento de forte ascensão da China enquanto receptor de IDE e de se poder falar com propriedade na «grande fábrica da Ásia», a dinâmica



da economia chinesa está muito para além do IDE. Por esta razão, os rácios do IDE acumulado em relação ao PIB, e dos fluxos de IDE face ao investimento global na economia chinesa são, apesar de tudo, tão limitados. Isto é, está claramente a dinamizar-se uma economia interna, que se auto-sustenta, obviamente muito apoiada numa maior abertura ao comércio e ao investimento internacionais.

Por outro lado, e talvez não menos importante, esta limitada importância relativa do IDE na China deixa em aberto a possibilidade de se vir a assistir a um significativo reforço deste nos próximos anos.

### E o futuro?

O exercício de previsão em economia é sempre uma espécie de acrobacia circense, em que sabemos todos como começa mas raramente lhe adivinhamos o fim. Quando o que está em causa é perspectivar a evolução de uma sociedade milenar, repleta de contradições, e com uma economia que só agora começa a dar os primeiros passos, então a tarefa torna-se quase hercúlea.

Os mais optimistas em relação a esta temática constroem cenários que apontam para a intensificação do crescimento da economia chinesa e, baseando-se na ideia de que esse crescimento induzirá, mais tarde ou mais cedo, uma espécie de revolução pacífica de mentalidades e uma maior abertura da sociedade chinesa ao exterior, facilmente desembocam num mundo centrado na Ásia e no Pacífico, em que países como a China (e a Índia...) passariam a ser uma espécie de sucessores dos EUA e da Europa enquanto potências económicas dominantes.

Os mais cépticos, pelo contrário, defendem dois tipos de *catástrofes*: um cenário, caracterizado pela implosão completa de todo o sistema (que, afinal, nem sequer é um sistema, mas uma amálgama de tradição com uma espécie de capitalismo de inspiração centralista), redundaria num provável regresso às origens da sociedade chinesa. Ainda que admitam que essa implosão possa não se concretizar, fazem-no no pressuposto de que, então, isso significará que a própria dinâmica natural do crescimento levará a economia chinesa a *abrandar*, num futuro mais ou menos próximo – quase como se essa condição fosse indispensável para evitar a citada derrocada.

Este segundo cenário referenciado aparece, aliás, muito justificado pelo que ocorreu com outros países, inclusive na região asiática, de que o exemplo mais marcante é o Japão, em que se tem vindo a observar uma marcada desaceleração do ritmo de crescimento médio nas cinco últimas décadas.<sup>6</sup>

Existem, ainda assim, hipóteses de trabalho com alguma solidez científica. Uma delas configura simultaneamente um raciocínio muito simples: admitindo que se mantêm nos próximos anos os ritmos de crescimento médios

observados nos últimos 15 anos, quer na China, quer nas principais potências económicas contemporâneas (EUA, área do euro e Japão), então a República Popular da China será a terceira maior economia mundial em 2012 (suplantando o Japão).<sup>7</sup>

Ainda naquele pressuposto, em 2027 a economia chinesa ultrapassa, em dimensão, a actual União Europeia (a 15) e, em 2034, torna-se a maior economia mundial, destronando desse lugar cimeiro os EUA.

O tempo nos dirá se estas perspectivas são ou não realistas.

### Investimento Directo Estrangeiro - Taxa de Crescimento anual

Quadro 5

	Fluxos					Stocks				
	1985-95*	2001	2002	2003	2004	1980	1990	2000	2003	2004
<b>Mundo</b>	<b>182,4</b>	<b>825,9</b>	<b>716,1</b>	<b>632,6</b>	<b>648,1</b>	<b>530,2</b>	<b>1 768,6</b>	<b>5 780,8</b>	<b>7 980,3</b>	<b>8 895,3</b>
Países desenvolvidos	131,4	596,3	547,8	442,2	380,0	398,2	1 404,4	3 976,4	5 816,3	6 469,8
EUA	44,1	159,5	71,3	56,8	95,9	83,0	394,9	1 256,9	1 378,0	1 473,9
União Europeia	69,7	382,6	420,4	338,7	216,4	398,2	1 404,4	3 976,4	5 816,3	6 469,8
Japão	0,6	6,2	9,2	6,3	7,8	3,3	9,9	50,3	89,7	97,0
Países em desenv.	49,9	217,8	155,5	166,3	233,2	132,0	364,1	1 734,5	2 001,2	2 226,0
Brasil	1,8	22,5	16,6	10,1	18,2	17,5	37,2	103,0	132,8	151,0
<b>China</b>	<b>11,7</b>	<b>46,9</b>	<b>52,7</b>	<b>53,5</b>	<b>60,6</b>	<b>1,1</b>	<b>20,7</b>	<b>193,3</b>	<b>228,4</b>	<b>245,5</b>
Hong Kong	4,1	23,8	9,7	13,6	34,0	21,2	45,1	455,5	381,3	456,8
México	4,5	27,6	15,1	11,4	16,6	-	22,4	97,2	165,9	182,5
Singapura	4,5	14,1	5,8	9,3	16,1	6,2	30,5	112,6	144,4	160,4

\* Média anual

### Investimento Directo Estrangeiro - Taxa de Crescimento anual

Quadro 6

	Fluxos (em % da FBCF)					Stocks (em % do PIB)				
	1985-95*	2001	2002	2003	2004	1980	1990	2000	2003	2004
<b>Mundo</b>	<b>3,8</b>	<b>12,0</b>	<b>10,6</b>	<b>8,3</b>	<b>7,5</b>	<b>5,0</b>	<b>8,4</b>	<b>18,3</b>	<b>22,0</b>	<b>21,7</b>
Países desenvolvidos	3,6	11,8	10,9	7,9	6,1	4,9	8,2	16,3	20,6	20,5
EUA	4,2	8,1	3,7	2,8	4,2	3,0	6,9	12,9	12,7	12,6
União Europeia	5,0	22,6	23,7	16,0	8,8	4,9	8,2	16,3	20,6	20,5
Japão	-	0,6	1,0	0,6	0,7	-	-	1,1	2,1	2,1
Países em desenv.	4,6	12,9	9,5	8,8	10,5	5,4	9,8	26,2	27,8	26,4
Brasil	2,1	22,7	19,6	11,3	15,3	7,4	8,0	17,1	27,6	25,2
<b>China</b>	<b>6,0</b>	<b>10,5</b>	<b>10,4</b>	<b>8,6</b>	<b>8,2</b>	<b>0,5</b>	<b>5,8</b>	<b>17,9</b>	<b>16,2</b>	<b>14,9</b>
Hong Kong	18,4	55,7	26,4	39,4	92,1	74,3	60,3	275,4	239,2	277,6
México	9,6	22,2	12,1	9,4	12,2	-	8,5	16,7	27,0	27,0
Singapura	32,9	55,5	25,6	41,7	62,7	52,9	83,1	123,1	160,2	150,2

\* Média anual

Fonte: UNCTAD

## Notas

- 1 Em 2003, a China foi responsável por 2,9% da despesa turística mundial e as suas receitas turísticas representaram cerca de 3,3% do total mundial. Estes dados colocavam-na no sétimo lugar do *ranking* internacional, à frente de países como a Áustria, Suíça, Canadá e Japão, entre muitos outros potentados do turismo mundial.
- 2 Numa escala de zero (corrupção máxima) a dez (ausência de corrupção), a China registava o valor de 3,2, quando a Islândia, primeira classificada neste indicador, atingia 9,7.
- 3 Grupo que exclui países como o Japão ou a Coreia do Sul, economias avançadas que, também por isso, evidenciam normalmente taxas de crescimento muito inferiores.
- 4 Os dados apresentados referem-se à União Europeia ainda a 15, isto é, não se incluem os dez países que a ela aderiram recentemente.
- 5 Com a única excepção das importações com destino aos EUA, que aumentaram marginalmente, de 15,6% do total mundial, em 1990, para 16,1%, em 2004.
- 6 Na década de 1960, a economia japonesa cresceu, em média, 10,8%. Nas décadas de 1970 e 1980 os ritmos médios de crescimento desaceleraram para 5,3% e 3,8%, respectivamente. Nos anos 90, a economia japonesa já só cresceu 1,7%, em termos médios e, nos cinco primeiros anos do novo século, o ritmo médio de crescimento do PIB foi de apenas 1,3%.
- 7 A economia chinesa é actualmente a sexta maior a nível mundial, atrás dos EUA, Japão, Alemanha, Reino Unido e França.